



COPRECIS
CONGRESSO NACIONAL DE
PRÁTICAS EDUCATIVAS

A EXPOSIÇÃO DOS CORPOS EXEMPLARES: A EDUCAÇÃO DO CORPO ATRAVÉS DO OLHAR

Nita Keoma Lustosa de Sousa¹

Universidade Federal de Campina Grande – UFCG
nitakeomals@hotmail.com

Resumo

O presente artigo é um tópico da dissertação em desenvolvimento “Mente sã em corpo são”: A Cultura Física no Colégio Estadual de Campina Grande (1968-1970), cujo objetivo é discutir sobre práticas educativas do componente curricular Educação Física e do Desporto do Colégio Estadual de Campina Grande, nos anos que correspondem a Ditadura Militar, que refletiam o desejo do corpo são e mente sã. O artigo em questão apresenta a exposição dos corpos educados como uma prática pedagógica do olhar. Através de demonstrações de ginástica realizadas pelo colégio supracitado, abertas à comunidade campinense, eram produzidos discursos sobre beleza e saúde. Para esta discussão, foram utilizadas como fontes, as imagens fotográficas, aplicando a metodologia da Análise de Discurso para refletir sobre os conceitos de corpo e disciplina.

Palavras-chave: Cultura Física, Educação Física e Desporto, Práticas educativas, Corpo.

¹ Graduada em História - Licenciatura Plena, pela Universidade Federal de Campina Grande – UFCG. Mestranda em História pelo Programa de Pós-Graduação em História pela Universidade Federal de Campina Grande (83) 3322.3222 PPGH/UFCG.



Introdução

O Colégio Estadual de Campina Grande (C.E.C.G) foi fundado em 1953, sendo o primeiro colégio de ensino secundário público de Campina Grande. A sua fundação representou um fato importante para a história da educação na cidade. Durante a Ditadura Militar (1964-1985), o colégio continuava se destacando entre os demais educandários, através dos eventos desportivos que ocorriam na cidade, nos quais o Colégio Estadual de Campina Grande conquistava o maior número de medalhas em várias modalidades, em todos os anos. Tais eventos também tinham suas práticas pedagógicas, através do olhar, o público presente subjetivava os valores da competição, de beleza e de saúde que estavam impressos nos corpos dos estudantes-atletas. Estes eventos desportivos eram realizados fora dos muros da escola, porém, dentro do Colégio Estadual de Campina Grande², também eram realizados eventos abertos à comunidade, em que os seus estudantes-atletas faziam demonstrações de ginástica, exibindo o modelo ideal de corpo que a plateia presente deveria inculcar. Estas demonstrações é uma das práticas pedagógicas desenvolvidas pelo colégio que discutiremos no presente artigo.

Os eventos desportivos e a educação do corpo pelo olhar

O presente título foi inspirado no texto de Heloisa Helena Pimenta Rocha (2003): “A Exposição dos Comportamentos Exemplares”, no qual a autora discute sobre o uso de fotografias com crianças encenando os “rituais de saúde” no ambiente escolar, como registro das práticas de educação sanitária na escola, e como propaganda que legitimava a atuação e intervenção dos médicos higienistas nesse espaço no início do século XX. Essas fotografias produziam discursos que eram endereçados aos representantes da velha medicina, às educadoras sanitárias, às professoras do primário e aos diretores das escolas. Seu papel consistia em pedagogizar o olhar de quem a deslumbrava, lendo nas cenas, mensagens sobre a importância da higienização e da disciplina, assim como males que deveriam ser combatidos, como a desnutrição e a falta de higiene. Os corpos limpos e sadios eram modelos a serem copiados, e a fotografia exercia um papel importante inculcando os valores dessas práticas higienistas.

A estratégia adotada pelos médicos-higienistas do início do século XX, em pedagogizar a população através do olhar, foi repetida anos mais tarde no C.E.C.G.. Porém,

² No decorrer do texto, iremos nos referir ao Colégio Estadual de Campina Grande pelas iniciais C. E. C. G., para facilitar a leitura.



na década de 1970, o ritual encenado era o do “corpo são”, treinado e educado pelos exercícios físicos. Por isso, a analogia desse tópico com o texto de Heloisa Rocha, por percebermos nas práticas do C.E.C.G. a exposição dos corpos que deveriam servir de exemplo para a sociedade. Vejamos a imagem abaixo:



Imagem I: Demonstrações de ginástica: plinto.

Fonte: Amigos_estadual_prata/Facebook- Década de 1970.

A cena que registrada se passa na sala de Educação Física³ do Colégio. Na foto, observamos uma apresentação protagonizada pelos alunos do Colégio que era assistida por uma plateia. Porém, essa apresentação não era da turma de teatro ou de canto onírico da Escola, a arte apresentada era da ginástica, expondo corpos esculpidos, emitindo discursos sobre a beleza e a saúde. Era um show perante os olhos de quem assistia, e da lente da câmera que capturava cada cena.



Imagem II: Agradecimentos.

³ Usarei Educação Física (iniciais em maiúsculo) para a disciplina de Educação Física e educação física (iniciais em minúsculo) para educação do corpo/ físico. (83) 3322.3222



Fonte: Amigos_estadual_prata/Facebook- Década de 1970.

A imagem acima nos revela que esse exercício do corpo não se tratava de uma aula comum, mas de uma atividade diferente. Vemos na foto os alunos fazendo uma reverência, como quem apresenta um número performático e agradece a presença da plateia. Porém, o que mais chama a atenção é que o público que assiste não se identifica como sendo alunos do Colégio. Através do sapato de salto alto da pessoa sentada na primeira fila, diferente dos sapatos pretos que compunham o uniforme da Escola, e da diferença entre as vestes dos convidados, identificamos que a plateia não está fardada, assim como os alunos que estão no palco. Segundo o Sr. Colecionador, os eventos realizados no Estadual de Campina Grande eram abertos à comunidade, o que nos faz pensar que esta apresentação se trata de uma atividade cultural da Escola. Podemos cogitar que esta encenação era assistida não apenas pelos alunos, mas pelos pais, familiares e outros convidados. Mas qual o propósito de se realizar uma atividade cultural com demonstrações de ginástica?

Essa encenação, para além de um momento de diversão, era um momento pedagógico. Através do olhar, os valores da disciplina e do corpo atlético deveriam ser subjetivados não somente pelos alunos, mas por aqueles que estavam fora do espaço escolar, e principalmente aos que faziam parte do mundo do trabalho. Portanto, não devemos ignorar a importância de eventos como esse para a reprodução e inculcação dos discursos sobre os corpos “sãos”.

SOARES (2005, p. 25) observa que a ginástica científica do século XIX se apresenta como um espetáculo “controlado” dos usos do corpo: “um espetáculo protegido e trazido para dentro das instituições”. Em oposição dos usos do corpo pelo circo, que transformava o corpo em um espetáculo popular apresentado nas feiras, nas ruas e nas festas populares, e invertendo a ordem das coisas (andando com as mãos, imitando bichos para arrancar o riso da plateia), os usos do corpo pela ginástica é um espetáculo institucionalizado com fins pedagógicos.

A prática pedagógica presente nessa exposição está em educar, através do olhar, os cidadãos presentes às virtudes da ginástica. E quais seriam essas virtudes? NATTKAMPER (1975, p. 4) explica que:

“Uma série de exercícios físicos que seja capaz de assegurar os resultados fisiológicos contemplados transforma-se em demonstração de ginástica se lhe acrescentarmos aspectos de estilização, de elegância e de configuração plástica. Embora completamente inúteis para o preparo físico tornam-se indispensáveis se visarmos as finalidades estéticas da ginástica.

Podemos, portanto, formular esta afirmativa: para cumprir as finalidades decorrentes da sua própria natureza, não deve a ginástica fixa-se exclusivamente nos objetivos fisiológicos, mas também, deve ter presente a preocupação com os movimentos bem



modelados e configurados – em outras palavras, com a beleza dos movimentos.”

Além do preparo fisiológico, umas das principais virtudes da ginástica é a beleza e a elegância. Tais virtudes transformam essa atividade física em uma modalidade ideal para demonstrações performáticas. Ao contrário dos desportos, cujas virtudes se constituem na competição e na exploração máxima das habilidades do atleta para alcançar a vitória e superação dos limites, o que NATTKAMPER (1975, p. 3) chama de “atingir objetivos exteriores”⁴, os objetivos da ginástica consistem em harmonizar as formas e “realizar movimentos que transmitam a sensação do belo”⁵.



Imagem III: Demonstrações de ginástica I

Fonte: Amigos_estadual_prata/Facebook-Década de 1970.

Como podemos observar na imagem acima, o “espetáculo” consistia em mostrar para o público as habilidades do corpo disciplinado. Os homens demonstravam certo esforço ao equilibrar as moças, que pareciam voar, fazendo uma combinação de força masculina e leveza feminina. Tais demonstrações transmitiam discursos sobre o corpo do homem e o corpo da mulher. Para manter-se em tal posição, as mulheres também precisavam desenvolver a força. O equilíbrio do corpo é mantido pela força das pernas e, principalmente, pelo músculo contraído do abdômen, porém, tal trabalho muscular não é percebido pelo público, devido às blusas e calças que escondem o esforço físico feito pelas jovens, ao contrário dos rapazes, com shorts curtos e blusas regatas, mostrando os seus corpos másculos com força para suportar o peso, enquanto as moças sorriem. Representar a força cabia aos homens, enquanto às mulheres cabia representar a leveza e a graça.

⁵ Ibidem



“No Congresso Internacional de Educação física, realizado em 1913, na França, Demeny, ao mencionar no seu trabalho a ginástica feminina, sugeriu: “é preciso pedir à mulher os esforços, mas dar a estes esforços uma forma adaptada a sua natureza sensível; é preciso um pouco de arte que ponha em valor sua beleza. Sua energia não deve destruir sua graça natural, senão ela não achará atrativo nos exercícios.” (GUÉRIOS. 1974, p.10).

Como podemos observar na citação apresentada por Stella Gueiros, o cientista Demeny⁶ defendia a prática de exercícios físicos para as mulheres, devido aos seus valores educativos e higienistas. Porém, segundo ele, a graça da mulher não deve se perder em prol do desenvolvimento da sua força, que deveria ser desenvolvida para a maternidade: “se a mulher deve ser forte para a maternidade, ela deve possuir a graça para fascinar⁷”. Seis décadas depois, suas palavras pareciam fazer sentido, demonstrando uma continuidade nos discursos sobre a “natureza frágil” da mulher, mesmo com os estudos que comprovavam a capacidade da educação física em melhorar as habilidades do corpo. GUÉRIOS (1974), especialista na área de Educação Física, afirma que:

“A força deve ser melhorada, mas até um certo grau, para que não destrua uma atitude bela nem os movimentos flexíveis, localizados e expressivos. Muito menos permitir que a feminilidade, no sentido verdadeiro da palavra, seja destruída ou esquecida, mas realçar uma das grandes aspirações femininas: beleza corporal.”⁸

A suposta fragilidade da mulher era resultado de uma prática discursiva que presava pela aparência delicada, meiga e doce, da mulher mãe e esposa em contraponto da aparência masculina que deveria transmitir força, virilidade e poder. Mesmo com a mudança nas vestimentas femininas, no início do século XX, que tirava da moda os espartilhos e sapatos de salto alto, que fragilizava o corpo da mulher, tornando-a “prisioneira do próprio corpo”, a atividade física não vem representar sua libertação por completo, outros dispositivos assumiram o lugar de fragilização do seu corpo, como o consumo compulsivo por produtos de beleza, a busca pela bela forma e a juventude “eterna”.

A atividade física pensada para a mulher deveria esculpir seu corpo com moderação. Seu principal propósito seria aperfeiçoar suas formas e manter o seu corpo saudável e sempre jovem. Sua força não poderia ser equiparada à força masculina. A mulher como o “sexo frágil” precisaria existir por uma condição estética. Enquanto aos homens, sua força deveria ser melhorada ao máximo, não só por uma questão estética, mas utilitarista. Seu corpo deveria

⁶ George Demeny foi um cientista do século XIX, considerado por ser o divulgador da ginástica para o mundo ocidental, junto com Etienne Jules Marey e Fernand Lagrange, podem ser considerados os fundadores da análise dos movimentos e da medicina desportiva contemporânea.

⁷ DEMENY. 1913, p. 13 apud GUÉRIOS. 1974, p 10

⁸ ibdem



ser produtivo, uma “máquina humana”, capaz de suportar horas de jornada de trabalho ou de defender a nação contra os “inimigos externos” e “internos”.



Imagem IV: Demonstrações de ginástica II

Fonte: Amigos_estadual_prata/Facebook-Década de 1970

“Os sinais para reconhecer os mais idôneos para esse ofício são a atitude viva e alerta, a cabeça direita, o estomago levantado, os ombros largos, os braços longos, dedos fortes, o ventre pequeno, as coxas grossas, as pernas finas e os pés secos, pois o homem desse tipo não poderia deixar de ser ágil e forte.” (FOUCAULT. 2012, p. 131)

A citação acima descreve a figura ideal do soldado, mas poderia estar descrevendo os alunos do C.E.C.G., que pousam para a foto e para a plateia em suas demonstrações (Imagem IV). Coxas grossas, ombros largos, braços musculosos, a estatura parece ser do mesmo tamanho, e seus corpos parecem cópias. Segundo FOUCAULT (2012, p. 131), “o soldado se tornou algo que se fabrica, de uma massa uniforme, de um corpo inapto, faz-se a máquina de que se precisa”. É na instituição escolar que a fabricação desse soldado se inicia. Desde a época clássica, em que o corpo foi descoberto como objeto e alvo de poder⁹, a ciência o estudou e o teorizou, buscando seu entendimento para trabalhá-lo, treiná-lo e manipulá-lo.

As “instituições modernas – as escolas, as prisões, os manicômios e os hospitais – se configuraram como ‘fábricas’ de corpos-dóceis; “é dócil um corpo que pode ser submetido, que pode ser utilizado, que pode ser transformado e aperfeiçoado”¹⁰. A fabricação desses corpos passou pela aplicação de diversos métodos desenvolvidos para o seu disciplinamento, a ginástica científica foi mais um dispositivo para essa fabricação.

⁹ FOUCAULT. 2012, p. 132.

¹⁰ Ibidem



“O corpo reto e o porte rígido comparecem nas introduções dos estudos sobre a ginástica no século XIX. Estes estudos, carregados de descrições detalhadas de exercícios físicos que podem moldar e adestrar o corpo, imprimindo-lhe este porte, reivindicam com insistência seus vínculos com a ciência e se julgam capazes de instaurar uma ordem coletiva. Com estes indícios, a ginástica assegura seu lugar na sociedade burguesa.” (SOARES. 2005, p.18)

Foi a partir do século XIX que a ginástica, até então presente na formação militar, expandiu-se para a educação da sociedade civil, a partir da compreensão de que a educação física tinha potencialidades para educar os indivíduos fisicamente e moralmente. Segundo SOARES (2005, p.20), a finalidade da ginástica “completava-se pelo desejo de desenvolver a vontade, a coragem, a força, a energia de viver e servir a pátria nas guerras e na indústria”, além de “moralizar a sociedade, intervindo radicalmente em modos de ser e de viver”. Desde então, a ginástica – como conteúdo da Educação Física – adentrou as escolas a fim de educar o físico, higienizá-lo, e de produzir recursos humanos para a indústria e para o exército.

Embora o desporto seja uma das principais características da Educação Física no período da Ditadura Militar (1964-1985), as finalidades dessa modalidade também repousavam na fabricação de corpos resistentes para servir a pátria em aspectos econômicos e militares. Corpos produtivos, envolvidos no espírito patriótico, prontos para fazer a nação se desenvolver economicamente e defendê-la dos “inimigos da pátria”, que se opunham ao sistema político da época. Sobre o papel salvador da Educação Física, o coronel Artur Orlando da Costa Ferreira escreve que:

“Não importa que o Brasil tenha sido descoberto há mais de quatro séculos. O que importa agora é que os brasileiros vos descubram também. Temos que conquistá-lo com o nosso esforço e com nosso patriotismo, enfrentando os novos invasores travestidos de missionário das ideais novas, mas na verdade missionários da ideologia perniciosa que pretendem inocular no espírito desavisado da nossa juventude para fragmentar a unidade nacional e corroê-la de dentro pra fora.” (COSTA FERREIRA. 1979, p.11)

Segundo as palavras do Coronel Artur Orlando da Costa Ferreira, que também foi diretor da Divisão de Educação Física do Ministério da Cultura, e publicou esse texto no editorial da revista *Boletim Técnico Informativo* de 1979, – endereçava sua mensagem para os formandos da Turma de Educação Física e professores – a Educação Física seria como uma nova religião que salvaria os jovens brasileiros da “ignorância ideológica”, que lhes levaria a lutar contra o progresso nação. A formação de um exército disposto a defender o regime desses “missionários da ideologia perniciosa” e do “regresso”, começava a ser preparado nas escolas, através da educação física.



Assim como o soldado é fabricado na escola, o trabalhador também é. Esta figura não é fabricada a partir das relações de trabalho, mas pelas práticas educativas que preparam o corpo, desde a infância, para ser produtivo, além dos discursos de dignificação do homem pelo trabalho que produzem subjetividades sobre o valor do trabalho para além do retorno material. Através da disciplina, os corpos são esquadrihados e modelados para fazê-lo render mais. Porém, não basta apenas educar os corpos, é preciso introjetar nas mentes os discursos que transferem para os cidadãos os deveres e as responsabilidades do progresso da nação.

Em 1968, foi manchete do *Diário da Borborema*¹¹ uma entrevista do Coronel Meira Matos¹² – presidente da comissão responsável por tratar das questões referentes às reivindicações do movimento estudantil – sobre as ações da comissão e em que ele convida os estudantes a “construir” a nação juntamente com o governo:

“[...] A problemática estudantil não está confinada na figura do estudante. É o estudante um componente – o mais importante- da estrutura do ensino. Para que o autêntico estudante – jovem, impetuoso, idealista e patriota- tenha nas reivindicações entendida, é mister que toda a máquina do ensino funcione bem no sentido de eficiência e a dinâmica do futuro”. Disse que a missão é: projetar o estudante, e para isto o ensino nos rumos do Brasil de amanhã: “Nossa imensa missão é lançar a juventude estudantil na obra de construção de uma grande nação do futuro”. (MEIRA MATOS. 1968)

Em sua fala, MEIRA MATOS (1968) metaforiza o futuro do Brasil como uma grande obra a ser construída por operários patrióticos, idealistas, e impetuosos, sendo esses operários, os estudantes, futuros trabalhadores das indústrias. Neste período, os confrontos entre a polícia e os estudantes são matérias constantes dos noticiários, as prisões de líderes estudantis sensibilizavam os demais estudantes a voltar as atenções para os acontecimentos políticos, a repressão e as denúncias do movimento contra a ditadura.

Os protestos e mobilizações em apoio aos estudantes presos pelo governo se espalhavam pelo Brasil, chegando à Campina Grande. Os estudantes campinenses paralisavam as aulas e aderiam às greves, mostrando como a repressão às lideranças estudantis atraíam as atenções desses jovens para a política. O papel do presidente da

¹¹ Diário da Borborema. 12 de janeiro de 1968, p. 1.

¹² Em 29 de dezembro de 1967 foi criada, pelo então presidente Artur Costa e Silva, uma comissão especial do Ministério de Educação e Cultura - MEC, para atender as reivindicações dos estudantes universitários, que protestavam contra as péssimas condições de ensino e a insuficiência de vagas em escolas superiores oficiais, com as seguintes finalidades de: “a) emitir parecer sobre as reivindicações, teses e sugestões referentes às atividades estudantis; b) planejar e propor medidas que possibilitem melhor aplicação das diretrizes governamentais no setor estudantil; c) supervisionar e coordenar a execução dessas diretrizes mediante delegação do ministro de Estado.” Após várias reuniões da comissão especial, que era presidida pelo Coronel Carlos Meira Matos, foi elaborado um relatório, que ficou conhecido como Relatório Meira Matos que apontava os principais problemas relacionados ao ensino, apresentando medidas para solucionar esses problemas. Para saber mais: <http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-tematico/relatorio-meira-matos>. Acesso: 28 de abril de 2017.



comissão seria reprimir essas manifestações através de medidas políticas. Em sua fala, percebemos a tentativa de reconquistar esses estudantes, apaziguando as relações com o governo, e ignorando os conflitos existentes, responsabilizando-os pelo progresso da nação, a fim de envolvê-los em seu discurso e abafar a oposição. Cabia aos professores de Educação Física a difícil missão de manter esses jovens despolitizados.

O Coronel Artur Orlando da Costa Ferreira incumbe aos profissionais da Educação Física o compromisso de mostrar para os brasileiros o caminho para descobrir o novo Brasil: “bem sei que sereis missionários, bandeirantes e catequistas dessa importante prática educativa, componente fundamental da Educação Hodierna” (COSTA FERREIRA. 1979). Os professores – que também eram trabalhadores – deveriam inspirar na juventude, através da educação física, o patriotismo e a aceitação do Regime Militar, e através dessa disciplina, capaz de construir o novo Brasil, os corpos dos futuros trabalhadores seriam fabricados.

A educação do físico para o trabalho era importante para desenvolver as potencialidades do corpo, corrigir a postura, e fazê-lo render mais. Porém, manter a saúde do corpo era fundamental para o trabalhador, e mantê-la seria prioridade, segundo GUÉRIOS (1974, p.59):

“Uma das principais funções da educação é ajudar a reconhecer, manter ou conservar a saúde antes mesmo de se procurar o desenvolvimento integral das suas qualidades físicas, morais, intelectuais e sociais. [...] Teremos, forçosamente, de reconhecer que os adultos com a vida atual, atribulada e trabalhosa, que faz com que o nosso corpo viva em constante hipertonicidade, necessitam tanto quanto as crianças e os adolescentes, não só de um aprendizado educacional, como de viver saudavelmente, tanto física quanto mentalmente, como também aprender a recrear-se ou ter passatempos para saber, com inteligência, ocupar as suas horas de lazer.”

Para GUÉRIOS (1974), a educação do físico seria um antídoto aos males provocados pela correia da vida adulta, envolvida de compromissos, obrigações e responsabilidades que debilitam a saúde e desgastam a energia com atividades improdutivas. Através dos exercícios físicos construídos, seria possível relaxar os músculos e aliviar as tensões, economizando os esforços, prevenindo o trabalhador contra lesões, através de quedas ou posturas erradas, e evitar a fadiga. A fadiga era uma preocupação entre os educadores do físico. Na *Revista Esporte e Educação* (1973, p.3), foi publicado um artigo que tratava sobre a fadiga do esportista, demonstrando a preocupação dos especialistas com a atividade física desregulada:

“Duas são as formas de manifestação da fadiga: aguda e crônica. A primeira surge do esforço muscular e do esporte- e se apresenta como um conjunto de sensações desagradáveis experimentadas pela pessoa, localizadas principalmente em seus músculos, tais como rigidez, dores musculares, câimbras na barriga, nas

(83) 3322.3222

contato@coprecis.com.br

www.coprecis.com.br



pernas, falta de força muscular, etc. ao mesmo tempo, todo o organismo se ressentir: a respiração é forçada o pulso rápido; o sistema nervoso também se altera ainda que de forma diferente: algumas vezes a pessoa sente-se deprimida, esgotada, não pode com o próprio peso, outras, ao contrário, encontra-se irritada e sua excitação não lhe permite dar-se conta da sua fadiga real, levando-a a cometer erros devido a falta de coordenação nervosa, o que pode expô-la fatalmente a acidentes.”

Prevenir a fadiga era fundamental para manter o corpo sadio e ativo, assim como a mente sã. O Serviço Social da Indústria (SESI) desenvolvia uma educação do físico junto aos trabalhadores da indústria, disponibilizando de uma academia, clube e ginásio para atividades desportistas, além da realização de olimpíadas. Porém, outros trabalhadores da cidade não tinham disponíveis os meios para essa educação, gastando as energias do corpo sem repor através de atividades saudáveis e prazerosas, desconhecendo as vantagens da ginástica para harmonizar as formas e desenvolver suas potencialidades. A demonstração de ginástica do C.E.C.G. servia de canal para a reprodução e discursos e inculcação desses discursos.

A partir dessas análises, concluímos que essas demonstrações de ginástica, além de educar a plateia para a prática de atividades físicas, de higiene corporal e civismo, também serviam de propagandas para a educação física, mostrando como o corpo disciplinado poderia economizar esforços e render mais, preparando-o para o trabalho e para o exército, educando também as sensibilidades dos campinenses, súditos da Rainha da Borborema, sedenta pelo progresso. Compreendemos que eventos como esse, produziam discursos sobre o próprio Colégio, servindo de propaganda sobre o seu ensino. Em uma época em que a prática desportiva e a Educação Física eram as receitas para construir uma nação moderna e civilizada, o C.E.C.G., sendo um colégio público, mostrava que não ficava atrás dos colégios particulares da cidade. Era necessário legitimar a sua fama e tradição, mostrando que acompanhava os recursos mais modernos em termos de educação. Assim, o colégio continuava a atrair os filhos da elite campinense e ser o sonho dos jovens pobres, que se esforçavam para conquistar a oportunidade de estudar nesse colégio renomado.

Referências bibliográficas

COSTA FERREIRA, Artur Orlando da. Boletim técnico Informativo. Editorial. Nº 8, p. 11. 1979.

COLÉGIO ESTADUAL DR. ELPÍDIO DE ALMEIDA - PRATA. Disponível em: <www.colegioprata.xpg.com.br>. Acesso em: 04 de novembro de 2015.

DIÁRIO DA BORBOREMA. “Governo quer construir nação com os estudantes”. 12 jan 1968, p. 1. Arquivo DB/D. A. Press.

Esporte e Educação. **A fadiga do sportista**. Ano IV. Nº 26. Janeiro/Fevereiro, 1973.

GUÉRIOS, Estela Ferreira Mansur. Educação Física Feminina. 2 ed. São Paulo, Edgard Blucher, Ed. da Universidade de São Paulo, 1974

NATTKAMPER, Heinz. Moderna Educação Física para rapazes. Difel / Difusão Editorial S.A.; São Paulo - Rio de Janeiro. 1975.

SOARES, Carmem Lúcia. Imagens da educação do corpo: estudo a partir da ginástica francesa do século XIX. 3ª Ed. - Campinas, SP: Autores associados, 2005.